

As artes e a transformação da tecnologia

The arts and the transformation of technology

José Atilio Pires da Silveira

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE¹

RESUMO

Neste artigo abordamos o potencial transformador das artes e sua influência na concepção crítica de Andrew Feenberg sobre a tecnologia. Em várias passagens de sua obra pode-se estabelecer uma relação entre sua perspectiva crítica e fatos marcantes que servem de evidências da sua relevância na formulação da concepção crítica. Tomamos como ponto de partida a apresentação geral das características da concepção crítica da tecnologia de Feenberg procurando evidenciar a influência das artes sobre ela. A seguir, abordamos a obra *"When Poetry Ruled The Streets"*, que registra a passagem de Andrew Feenberg e Jim Freedman pela Paris de maio de 1968, destacando a influência e importância dos vários tipos de artes nesse contexto de enfrentamento da sociedade francesa. Por fim, concluímos que as artes ocupam um lugar de suma importância no processo de transformação da tecnologia proposto pela teoria crítica de Feenberg. Sendo esse, talvez, o maior desafio a ser superado; a resistência em se ver a arte como algo que influencia diretamente a esfera da vida prática.

20

PALAVRAS-CHAVE

Tecnologia; Artes; Filosofia Crítica

ABSTRACT

In this article, we address the transformative potential of the arts and their influence on Andrew Feenberg's critical conception of technology. In several passages of his work, a relationship can be established between his critical perspective and striking facts that serve as evidence of its relevance in the formulation of the critical conception. We take as a starting point the general presentation of the characteristics of Feenberg's critical conception of technology, seeking to highlight the influence of the arts on it. Next, we address the work *"When Poetry Ruled the Streets"*, which records the passage of Andrew Feenberg and Jim Freedman through Paris in May 1968, highlighting the influence and importance of the various types of arts in this context of confrontation of French society. Finally, we conclude that the arts occupy a place of utmost importance in the process of transformation of technology proposed by Feenberg's critical theory. This is perhaps the greatest challenge to be

¹ E-mail: Jose.Silveira@unioeste.br

overcome: the resistance to seeing art as something that directly influences the sphere of practical life.

KEYWORDS

Technology; Arts; Critical Philosophy

APRESENTAÇÃO

É bem sabido que o autor de *“Questioning Technology”* propõe uma forma democrática e participativa de desenvolvimento da tecnologia que transcende os laboratórios e oficinas de engenheiros e técnicos. Não imaginávamos, à princípio, o quanto essa transcendência aproxima a tecnologia da retórica e das artes.

Conforme Aristóteles, a retórica é uma arte que visa influenciar o julgamento do outro através do uso persuasivo da linguagem. Para tanto, o orador deve levar em consideração, dentre outras coisas, os valores e princípios do público para o qual se dirige, se quiser alcançar êxito em seu propósito de persuadir.

Para Feenberg, a escolha pelo desenvolvimento de um determinado tipo de tecnologia não depende somente de critérios de natureza tecnológica, mas, também, de valores sociais do lugar no qual ela se desenvolve. Por essa razão, afirma que a neutralidade não é uma qualidade que possa ser atribuível à tecnologia. Os diferentes tipos de tecnologias não são tributários de leis e princípios estritamente técnicos e científicos, eles se originam e desenvolvem dentro de um ecossistema ético e social que orienta a rota de sua evolução.

A tecnologia moderna como a conhecemos não é mais neutra do que as catedrais medievais ou a Grande Muralha da China; incorpora os valores de uma civilização industrial específica e especialmente os das elites que baseiam as suas pretensões de hegemonia no domínio técnico. (Feenberg, 2002, p. v)

Diferente do pensamento de Heidegger, para quem a tecnologia é algo que escapa ao nosso controle e determinação, Feenberg crê ser possível transformarmos a tecnologia atual a partir de nossos próprios esforços, sem a dependência de um ser superior, pois ela é influenciável por fatores como valores, desejos e necessidades de natureza não técnica do homem. Com as artes exercendo um papel importante nesse cenário.

Houve um fato marcante na vida de Feenberg durante o seu período de formação acadêmica, sua mudança para a França depois de 1967. Esse período foi tão significativo a ponto de dedicar a ele, juntamente com Jim Freedman, o livro intitulado *“When poetry ruled the streets: The French May Events of 1968”*. Essa experiência impactou significativamente seu pensamento sobre a relação entre a tecnologia e a sociedade. Minha hipótese de trabalho é que a atitude por ele

proposta, de tornar a tecnologia uma atividade mais democrática, está fortemente relacionada à sua experiência de maio de 1968 na França.

Ali ele viu, através de manifestações estéticas e de cunho artístico, que um movimento social tem capacidade de mudar os fundamentos nos quais uma sociedade repousa, por meio da união de diferentes setores desta. Mesmo que tenha sido por um breve tempo, mostrou-se que a formulação de uma nova ordem de valores pode romper com as determinações impostas por um conjunto de valores que já não representam mais a maioria da sociedade. A capacidade de autocrítica presente nas atividades artísticas serve de exemplo a ser seguido no processo de desenvolvimento da tecnologia, que se revela profundamente ortodoxo e conservador do ponto de vista da participação de outros agentes fora da esfera tecnológica.

Ao final, sustentamos que a possibilidade de transformação da tecnologia depende, de maneira significativa, do grau de ingerência que atitudes artísticas podem exercer nas tomadas de decisões que orientam seu desenvolvimento. Tal influência resulta na criação de um ambiente democrático e participativo, dando a oportunidade de outros, além dos engenheiros e técnicos influenciarem o desenvolvimento tecnológico.

A FILOSOFIA CRÍTICA DE ANDREW FEENBERG

A abordagem crítica de Feenberg à tecnologia possui, em sua configuração atual, poucas mudanças em relação a sua proposição original, formulada quando ainda era um jovem estudante. De acordo com o seu pensamento, o entrelaçamento de questões de natureza política, social e cultural com o desenvolvimento da tecnologia é um dos condicionantes que devemos levar em consideração numa reflexão em torno do mesmo.

Quando ainda era aluno de Herbert Marcuse na Califórnia, Feenberg já manifestava suas preocupações e expectativas de mudanças quanto ao fazer tecnológico advindas das influências da política, das mudanças sociais e da revolução nas artes. Nesse período da sua formação, anos 1960, o mundo e os Estados Unidos estavam passando por profundas mudanças decorrentes da alteração de forças produzidas ao final da II Guerra Mundial. Conforme ele mesmo afirma em sua auto-apresentação de 2005, tratava-se de um momento da história em grande ebulição na política, na cultura e na sociedade.

[...] havia tremendas tensões de outro tipo nessa sociedade tão conformista e essas explodiram no mundo pacato dos anos 50. As questões que se colocavam era o que essas tensões significavam, de quais fontes se originavam e quais eram seus objetivos e destino. (Feenberg, 2005, p. 1)

Contudo, como ele mesmo afirma, apesar de toda essa ebulição, não se apresentava como plausível a perspectiva de uma revolução. Talvez essa falta fosse o sintoma de um esgotamento espiritual produzido por uma guerra tão vasta e

destruidora quanto a II Guerra Mundial. Apesar disso, Feenberg acreditava haver uma saída, era possível haver mudança num mundo sem ânimo para tanto. Um mundo em que a tecnologia está presente em quase todos os espaços e que mostrou com vigor uma de suas faces por ocasião das duas guerras mundiais travadas na primeira metade do século XX.

A tecnologia não é algo isolado, que não sofre nenhum tipo de influência fora da sua própria esfera. A presença cada vez maior da tecnologia na vida dos homens trouxe efeitos nem sempre benéficos a nós. O sonho de pousar na Lua se concretizou antes na forma de uma bomba voadora. Pensadores como Heidegger, não viam a possibilidade de a humanidade fazer convergir os objetivos de desenvolvimento da tecnologia com os de seu estrito interesse. A possibilidade de mudança se expressa na forma de uma hipótese irrealizável. A tecnologia se transformou num problema para o homem, pois passamos a sofrer sua ingerência hegemônica na imagem e compreensão que temos do mundo e de nós mesmos.

O que Heidegger chamou de “A Questão da Tecnologia” possui um *status* peculiar no meio acadêmico hoje. Após a Segunda Guerra Mundial, as humanidades e as ciências sociais foram varridas por uma onda de determinismo tecnológico. *Se não valorizarmos a tecnologia por nos modernizar, isso será o responsável pela crise de nossa cultura.* Determinismo que dispõe tanto a otimistas quanto pessimistas uma visão fundamental da modernidade como fenômeno unificado. Esta abordagem foi agora largamente abandonada por uma visão que admite a possibilidade de “diferença” significativa, ou seja, variedade cultural na recepção e apropriação da modernidade. No entanto, a quebra do determinismo simplista não levou ao florescimento da pesquisa em filosofia da tecnologia como seria esperado. Em grande medida, é a própria autoridade da resposta de Heidegger à “Questão” que bloqueou novos desenvolvimentos. Se nós quisermos reconhecer a possibilidade de modernidades alternativas, teremos que romper com Heidegger. (Feenberg, 1999, p. 183)

23

Feenberg crê ser possível uma mudança no modo de produzirmos tecnologia, onde ela deixará de ser tecnocrática e se transformará numa atividade democrática. Não no sentido simples de democrático, em que se toma decisões por simples maioria de votos. Democrático no sentido participativo, onde o desenvolvimento tecnológico não poderá se dar sem que sejam levadas em consideração questões outras de naturezas não meramente técnica.

A micropolítica da tecnologia dá origem a movimentos tão diferentes da política tradicional que são facilmente mal interpretados. Nem ideologias, nem seus adeptos os mantêm unidos, mas as próprias redes técnicas que eles desafiam. Os objetivos dessas lutas também são novos. A democratização das modernas organizações mediadas

tecnicamente não trata, fundamentalmente, sobre a distribuição de riqueza nem mesmo a autoridade administrativa formal, mas diz respeito à estrutura de práticas comunicativas.

Quem são os atores públicos envolvidos neste novo tipo de política? Não são cidadãos enquanto tais, mas indivíduos diretamente afetados por uma decisão técnica específica. Apenas nessa situação os não profissionais provavelmente serão motivados a aprender o suficiente sobre uma questão técnica para intervir. Ativistas leigos que estão unidos por um problema compartilhado, como uma ameaça à sua vizinhança ou uma doença crônica incurável, desenvolvem um conhecimento situado à medida que enfrentam as questões. Eles podem provocar controvérsias técnicas na tentativa de influenciar a opinião pública. (Feenberg, 1999, p. 120)

Destacamos, na citação acima, o caráter *transformador*, mas não *revolucionário*, da teoria crítica da tecnologia de Feenberg. Como veremos um pouco mais adiante, o caráter transformador se dá por preservar muito da tecnologia atual. O processo de democratização participativa do desenvolvimento da tecnologia não é uma assepsia epistêmico-tecnológica. Ele consiste na adequação das metas de desenvolvimento tecnológico aos interesses e necessidades do homem, da natureza e da vida, não na adoção de uma nova tecnologia em nada semelhante a atual. Por essa razão preserva muito do que deve ser transformado. A possibilidade de democratização participativa depende da estrutura de comunicação que a atual tecnologia disponibiliza, pois é essa estrutura que estabelece a relação entre os diferentes modos de organização dos indivíduos afetados por ela.

Feenberg acredita que é na medida em que uma tecnologia afeta negativamente indivíduos que eles se interessarão em saber sobre questões dessa natureza. O processo de democratização da tecnologia depende do grau de distanciamento das necessidades de desenvolvimento desta em detrimento das necessidades do homem, da natureza e da vida. O campo de enfrentamento desse conflito, entre a tecnologia e aqueles que são afetados negativamente por ela, é o da comunicação. O modo desse enfrentamento é a divulgação de dados e informações críticos sobre uma determinada tecnologia que são “escondidos” da opinião pública por meio de uma política de proteção de dados, etc. Somente assim será possível a ingerência de outras esferas do agir humano no desenvolvimento da tecnologia que não só a técnico-científica.

Essa tem sido a principal abordagem dos movimentos ambientalistas que, repetidamente, começaram em protestos locais e se espalharam a partir daí para moldar a opinião pública e mudar leis e regulamentos. Normalmente, apenas profissionais técnicos prestariam atenção aos processos industriais que os ambientalistas desafiam, mas hoje acreditamos no direito do público de impedir que tais processos causem danos. *Ser cidadão é ser uma vítima em potencial*. É por isso que a informação desempenha um papel tão crítico na política ambiental: as principais lutas são frequentemente decididas no reino

comunicativo, tornando públicas as informações privadas, revelando segredos, introduzindo controvérsias em campos científicos supostamente neutros, e assim por diante. (Feenberg, 1999, p. 120, **negrito nosso**)

A ideia da possibilidade de mudança da tecnologia para um modo mais democrático e participativo leva a questão de se isso se daria a partir do próprio universo unidimensional da tecnologia no qual vivemos ou de um agente externo a ele. Como produzir mudança sem preservar a característica tecnocrática da tecnologia atual? Quanto a estas questões, a posição de Feenberg é clara. Vimos, nas citações anteriores, que o caráter *transformador* da teoria crítica da tecnologia é marcante. Feenberg chega à constatação de que o processo de transformação surge, em grande medida, da própria estrutura da tecnologia disponível e cuja transformação é proposta. É por essa razão que, para ele, é possível a transformação do universo unidimensional da tecnologia a partir dele mesmo. É possível nos libertarmos do modo tecnológico atual, que é tecnocrático, controlador e auto-suficiente para um modelo em que a tecnologia esteja ao dispor do homem e não o contrário.

Uma evidência mais óbvia, do caráter não revolucionário da teoria crítica de Feenberg, foi a escolha de um termo *neutro* semanticamente para caracterizá-la: *transformação*. O termo não sugere uma relação de ruptura total com um passado ou estado atual de coisas, mas de superação das dificuldades que travam o desenvolvimento da tecnologia num determinado sentido.

Sua posição não revolucionária torna-se mais clara ainda, quando na nota autobiográfica de 2005 argumenta que, diferente dos pensamentos de Heidegger, Marcuse e Marx

[...] criávamos movimentos contra a guerra do Vietnã e estávamos engajados em protestos estudantis, sentíamos que nossas ações refletiam tensões internas dentro da própria unidimensionalidade e não uma intervenção externa provinda de uma fonte transcendente. Mas como explicar isso sem abandonarmos o *insight* marcuseano sobre a integração à sociedade e sem reativarmos o desacreditado conceito de revolução proletária? (Feenberg, 2005, p. 1)

Do seu ponto de vista a perspectiva revolucionária é uma verdadeira utopia, pois depende de um agente transcendente para que seja realizada. A perspectiva revolucionária é paradoxal, pois quando levada em consideração leva a um imobilismo e conformismo. Revolucionário, aqui, significa a adoção de um novo tipo de tecnologia, com origens e princípios totalmente divergentes dos atuais, uma ação que se identifica mais com a atividade artística. O continuísmo proposto por Feenberg é sensível à dependência que o processo de organização transformadora possui de algumas estruturas disponibilizadas atualmente, principalmente de comunicação.

A influência de valores sociais e políticos no desenvolvimento da tecnologia é destacada em várias passagens da obra de Feenberg. Sua abordagem se diferencia de outros pensadores por destacar que, mesmo numa sociedade tecnológica, é possível mudar os rumos de seu desenvolvimento, não se submetendo a ser uma mera expressão do conhecimento técnico-científico.

[...] a crítica do *design* de Marx concorda com a teoria substantiva da tecnologia de que máquinas e artefatos incorporam valores. Mas há uma diferença importante. A teoria substantiva identifica os valores incorporados nos *designs* atuais com a essência da tecnologia como tal. Desse ponto de vista, nenhuma transição para uma forma fundamentalmente diferente de sociedade moderna é possível, uma vez que todas as modernidades imagináveis empregarão tecnologia e, portanto, expressarão a mesma essência. Por outro lado, a crítica de *design* relaciona os valores incorporados na tecnologia para uma hegemonia social. Mas o que depende de uma força social pode ser alterado por outra força social: a tecnologia não é destino. (Feenberg, 2002, p. 64)

Feenberg alinha os pensamentos de Marx e Heidegger por estes considerarem que os valores empregados no desenvolvimento da tecnologia e os da sociedade no qual se desenvolve são os mesmos. Isso implica na aceitação da ideia de que as sociedades podem mudar seus princípios e valores. Então, para que uma tecnologia seja transformada, ela depende de uma transformação dos valores da sociedade na qual se desenvolve, já que a tecnologia é expressão de valores sociais, políticos, estéticos a ela incorporados no seu desenvolvimento.

O ponto de partida da teoria crítica da tecnologia de Andrew Feenberg é oposto ao de chegada de Heidegger. Se para Heidegger a tecnologia é algo que escapa ao controle humano e, por esta razão, só um deus poderia nos salvar; de acordo com Feenberg, a tecnologia é moldada pelos valores da sociedade na qual se desenvolve. E aí reside a possibilidade de sua mudança sem a dependência de uma divindade. Ela faz parte de um meio.

A teoria instrumentalista da tecnologia, tanto em sua vertente marxista quanto não-marxista, compartilha com o senso comum a suposição de que os sujeitos da ação – por exemplo, o trabalhador ou o Estado – podem ser definidos independentemente do seu meio. Mas, na realidade, sujeitos e meios estão dialeticamente interligados: o carpinteiro e o martelo aparecem acidentalmente relacionados apenas enquanto não se considera a carpintaria como uma vocação moldando o carpinteiro através de uma relação às ferramentas do comércio. O exército não está apenas acidentalmente relacionado às suas armas, mas está estruturado em torno das atividades que apoia. (Feenberg, *Transforming Technology*, 2002, p. 63)

A tecnologia é influenciável por outros aspectos da vida do homem, embora a ideia geral seja de que ela não sofre tal tipo de ingerência. Se para a perspectiva de Heidegger não há, praticamente, uma saída para o problema da tecnologia; para Feenberg sonhar com uma possibilidade de mudança de rumo e procurar construir as condições para a sua implementação são elementos críticos que constituem uma alternativa ao pessimismo de Heidegger.

É fundamental para a teoria crítica da tecnologia pressupor a relação intrínseca entre os valores que determinam o desenvolvimento de uma tecnologia e os do meio em que isso acontece. É esta relação que torna possível imaginar-se um novo modo de desenvolvimento tecnológico que não seja tecnocrático. O fato de ser impregnável de valores não técnicos faz com que a transformação da tecnologia seja mais do que uma utopia.

Em “*Questioning Technology*” a relação entre tecnologia e sociedade é destacada por Feenberg pelo que ele chama de *ambivalência da tecnologia*. Essa característica é apresentada como uma evidência de que a tecnologia não somente influencia a sociedade, como é influenciada pelos valores desta. Isto é,

[...] não existe uma correlação única entre o avanço tecnológico e a distribuição do poder social. A ambivalência da tecnologia pode ser resumida nos dois princípios seguintes.

1. Conservação da hierarquia: a hierarquia social geralmente pode ser preservada e reproduzida à medida que novas tecnologias são introduzidas. Este princípio explica a extraordinária continuidade de poder nas sociedades capitalistas avançadas ao longo das últimas gerações, possibilitadas por estratégias tecnocráticas de modernização apesar das enormes mudanças técnicas.
2. Racionalização democrática: as novas tecnologias também podem ser utilizadas para minar a hierarquia social existente ou forçá-la a satisfazer necessidades que ignorou. Esse princípio explica as iniciativas técnicas que muitas vezes acompanham os projetos estruturais, reformas buscadas por movimentos sindicais, ambientalistas e outros movimentos sociais. (Feenberg, 1999, p. 76)

Há uma dualidade na relação entre a tecnologia e a sociedade, elas estabelecem entre si uma simbiose que pode gerar tanto um resultado harmonioso quanto conflituoso entre ambas. O pensamento de Feenberg se estrutura em torno da ideia de inter-relação e influência de outros âmbitos da cultura humana no desenvolvimento da tecnologia, para daí sustentar a possibilidade de mudança desta. Isso retira o caráter de neutralidade tantas vezes atribuído à tecnologia, ela não é refratária e não possui um âmbito isolado de desenvolvimento. Por outro lado, remove o caráter distópico da tecnologia como algo que escraviza a humanidade em razão de suas próprias necessidades, sem a possibilidade de libertação.

[...] a crítica distópica da tecnologia surgiu quando, no século XX, o “progresso” foi identificado com a burocracia, a propaganda e o genocídio. A racionalidade tecno-científica domina assim a distopia ao não deixar espaço para a liberdade e para a individualidade. Contudo, essa visão está se desvanecendo à medida que o paradigma da tecnologia do nosso tempo passa dos mamutes industriais do século passado para as novas tecnologias da informação, especialmente a Internet. (Feenberg, 1999, p. 8)

O segundo princípio da ambivalência da tecnologia é o que fundamenta a possibilidade efetiva de uma mudança transformadora. O primeiro se traduz como expressão de algo não emancipatório para o homem. A tecnologia pode ser fonte geradora de mudanças sociais, quando seu desenvolvimento entra em choque com os valores tradicionais de uma sociedade. Nesse sentido, Feenberg sugere que na configuração de uma nova tecnologia, seus desenvolvedores optem por ouvir o futuro usuário. Isso se mostra, do ponto de vista econômico e de comunicação, uma estratégia bem mais eficiente.

A subordinação da tecnologia à sociedade não é apenas uma questão de atribuir funções para dispositivos, uma forma evidente de dependência. Vai muito além disso, afeta a própria definição das funções que devem ser cumpridas, e a qualidade do ambiente associada aos dispositivos que os cumprem, tanto na produção como na utilização. Mas se fosse esse o caso, os próprios tecnólogos não seriam beneficiados ao trazerem essas questões à tona em seu trabalho? Um processo reflexivo de *design* pode levar em conta as dimensões sociais da tecnologia desde o seu início, em vez de esperar ser esclarecido pela turbulência pública ou pesquisa. (Feenberg, 1999, p. 90)

28

Já na fase de concepção e elaboração de um projeto tecnológico deverá ser dado poder de influência àqueles que não são tecnólogos. Feenberg tem tanta segurança em seu ponto de vista que propõe uma melhoria na metodologia de elaboração e configuração de projetos tecnológicos. É, inclusive, mais eficiente economicamente. Se os desenvolvedores de tecnologia não levarem em consideração a influência que a tecnologia sofre de outros fatores além dos estritamente tecnológicos, seus projetos resultarão em muitos problemas de implementação simplesmente por não terem ouvido os potenciais impactados por eles no futuro.

São muitas as menções que Feenberg faz ao longo de suas obras sobre a relação entre a tecnologia e o meio social no qual ela se desenvolve. A tecnologia não é algo que possui uma existência própria com demandas e necessidades específicas que subordinam todas as demais. A tecnologia é algo a ser educado e lapidado em suas potencialidades.

A tecnologia é poder nas sociedades modernas, um poder maior em muitos domínios do que o próprio sistema político. Os mestres de

sistemas técnicos corporativos e líderes militares, médicos e engenheiros, têm muito mais controle sobre os padrões de crescimento urbano, projetos de moradias e sistemas de transporte, seleção de inovações, do que nossa experiência como funcionários, pacientes, consumidores e todas as instituições eleitorais da nossa sociedade reunidas. (Feenberg, 1999, p. 131)

Não é aceitável que a tecnologia se desenvolva ao seu bel prazer e sem levar em consideração outros tipos de necessidades que não somente as suas. O processo de democratização participativa é de natureza educativa e consiste no estabelecimento de rotas de desenvolvimento tecnológico determinados em conjunto com a sociedade. Somente teremos uma tecnologia mais humanizada e que leve em consideração a preservação da natureza, quando houver um conjunto de valores adotados pela sociedade que imprima tal tipo de mudança no modo de se produzir tecnologia.

A própria teoria crítica da tecnologia só é possível em razão da interação entre tecnologia e valores sociais e culturais. Ela é proposta como um novo olhar e entendimento sobre os efeitos que a tecnologia produz nos indivíduos, sociedades e natureza, indo além dos laboratórios e centros de pesquisas e se voltando para os elementos que lhes dão origem e servem de pilares de sustentação fora do âmbito estritamente técnico.

As tecnologias são selecionadas pelos interesses dominantes entre muitas configurações possíveis. Norteando o processo de seleção estão códigos sociais estabelecidos pelas lutas culturais e políticas que definem o horizonte sob o qual a tecnologia cairá. Uma vez introduzida, a tecnologia oferece uma validação de material desse horizonte cultural. A racionalidade tecnológica aparentemente neutra está alistada em apoio a uma hegemonia através do preconceito que adquire no processo de desenvolvimento. Quanto mais tecnologia a sociedade emprega, mais significativo é esse suporte. A eficácia legitimadora da tecnologia depende da inconsciência do horizonte político-cultural sob o qual foi concebida.

Uma teoria crítica da tecnologia pode revelar esse horizonte, desmistificar a ilusão de necessidade técnica e expor a relatividade das escolhas técnicas prevalecentes. (Feenberg, 1999, p. 87)

A teoria crítica de Feenberg é apresentada como um discurso de empoderamento daqueles que pouco são levados em consideração quando da elaboração de um novo projeto tecnológico. É importante destacar essa condição inicial da reflexão, pois dela depende a compreensão de que uma tecnologia não se desenvolve somente em razão de condições estritamente técnicas e científicas. Ela sempre sofrerá a influência de valores sociais, seja quando afirma uma determinada forma de organização social, seja quando se contrapõe a uma ordem tradicionalmente estabelecida. De acordo com esse pensamento, uma transformação

da tecnologia está relacionada a uma transformação da sociedade. Se o tipo de tecnologia revela o tipo de valores de um grupo social, uma nova tecnologia transformada depende de um conjunto de valores que também sofreram transformações.

MAIO DE 1968 E A TRANSFORMAÇÃO DA TECNOLOGIA

A tese central da teoria crítica da tecnologia formulada por Feenberg afirma que a tecnologia não é uma atividade humana refratária às demais. Não é algo que se desenvolva independente da influência de outros fatores que não sejam de natureza estritamente tecnológica. Assim como a tecnologia é capaz de produzir grandes efeitos na esfera social, também o meio social pode produzir efeitos significativos no tipo de tecnologia desenvolvida sob o seu escopo.

Dentre os elementos sociais que incorporam valores e produzem seus efeitos no desenvolvimento tecnológico, as artes possuem relevância altíssima. Em *"Transforming Technology"*, Feenberg argumenta que as artes desempenham um papel relevante na adoção de um determinado tipo de tecnologia. Conforme seu pensamento, as artes podem exercer uma função tanto negativa, quanto positiva na percepção da tecnologia. A função exercida pelas artes é negativa quando produz uma imagem neutra da tecnologia, quando não a mostra impregnada dos valores sociais e culturais aonde se desenvolve. Por outro lado, exercem uma função positiva quando mostram esse ocultamento produzido pela retórica oposta. As artes não possuem uma teleologia determinada, pois podem potencializar tanto valores instituídos, que deveriam ser questionados e superados; quanto valores que ainda não foram implementados e se contrapõem aos já estabelecidos. Elas são engajadoras e potencializam a participação dos cidadãos no desenvolvimento de projetos tecnológicos.

O potencial das artes na ação transformadora da tecnologia se fundamenta na ideia, como vimos acima, de que a tecnologia se desenvolve sofrendo influências de naturezas não tecnológicas, principalmente dos valores que organizam o grupo social no qual se desenvolve. Para Feenberg as artes constituem um componente cultural que serve de ambiente favorável à crítica e inovação. Tais formas de pensar são importantes para o desenvolvimento tecnológico.

A relação entre as artes e a transformação da tecnologia não é direta, ela foi estabelecida por um evento político e cultural que marcou várias gerações, contribuindo significativamente na elaboração da teoria crítica da tecnologia formulada por Feenberg, além de servir de paradigma à tarefa de transformação da tecnologia; *Maio de 1968* na França.

Dentre as suas obras a que mais evidencia a relevância das artes no processo de transformação da tecnologia é *"When Poetry Ruled The Streets. The French May Events Of 1968"*, onde é relatado o papel exercido pelas artes durante o movimento, papel esse que resultou num grande envolvimento, adesão e apoio da opinião pública relativos às teses defendidas.

A revolução da primavera europeia estremeceu o ocidente porque mostrou uma população indignada com o modo de organização social no qual se encontrava. A atitude de indignação se voltava contra tudo que emanasse de uma instância superior. Essa emanção, que se impunha de forma violenta e tecnocrática, submetia o cidadão a viver em cidades poluídas, em locais de trabalho insalubres, em instituições educacionais fora do seu tempo, por exemplo.

Se a década dos anos 1960 foi agitada em todos os sentidos, o ano que representa toda essa agitação não poderia ser outro que não 1968. Nos anos 1960 vivíamos no mundo a *Guerra Fria*, com os tanques soviéticos invadindo a Tchecoslováquia, com os países africanos lutando contra o colonialismo e por sua independência, com as mulheres reivindicando o domínio de seus próprios corpos, com os negros norte-americanos resistindo ao racismo. Os Estados Unidos beiravam uma nova guerra civil com os assassinatos de *Martin Luther King Jr* e *John Fitzgerald Kennedy*, e com o protagonismo dos *Panteras Negras* na luta contra o racismo.

No Brasil não foi diferente, os anos 1960 pertencem a uma década de grande incerteza e violência política, com crises econômicas e a ditadura militar. E o ano de 1968 foi tão marcante para nós devido, também, a razões internas. Em março foi morto pela polícia o estudante Edson Luís numa manifestação estudantil contra a ditadura militar. Em abril houve a explosão de uma bomba na entrada do Jornal *O Estado de São Paulo*. Em junho ocorreu a *Passeata dos Cem Mil* no Rio de Janeiro. Em dezembro foi promulgado o AI-5 e foram cassados os deputados federais que se opunham ao regime.

Seguindo o mesmo raciocínio acima, se 1968 é o ano representativo de sua década, maio é o mês que representa esse ano. Ele adquiriu um significado especial em razão do modo e intensidade com que se deu o movimento que uniu estudantes e operários. As palavras de Douglas Kellner no prefácio de *When Poetry Ruled The Streets* traduzem fielmente esse significado ao afirmar que

... na memória histórica da esquerda, os acontecimentos de maio de 1968 na França atingiram proporções míticas. A revolta estudantil, as greves operárias e as ocupações das fábricas, que eclodiram durante um período breve mas explosivo em 1968, provocaram medo nos corações dos poderes governantes em todos os lugares. *Eles inspiraram aqueles que se revoltaram em todos os lugares com a fé de que a convulsão social é possível e que a insurgência espontânea pode superar a força das circunstâncias*. Por um breve momento, a imaginação tomou o poder, o impossível foi exigido e a poesia e a espontaneidade dominaram as ruas. (Feenberg & Freedman, 2001, p. xv, grifo nosso)

Maio de 1968 realmente é uma inspiração para quem democraticamente acredita no poder das mobilizações sociais e a produção de mudanças que elas podem promover. Em última instância, é nisso que a teoria crítica da tecnologia se apoia. Não um tipo de mobilização como as das redes sociais que estamos acostumados a ver nesses primórdios da era digital, mas de cidadãos que se engajam

nas lutas por meio de uma adesão solidária e com conhecimento pertinente. A partir da constatação de que o sonho de emancipação do homem é algo possível, a tecnologia passa a não ser mais vista como um lobo metafísico que não exita em nos devorar.

O movimento de maio de 1968 na França, foi uma espécie de ensaio de algo mais perene que poderá ocorrer no futuro. É nisso que Feenberg acredita, aquilo que se realizou de maneira intensa e breve no início da segunda metade do século XX, poderá perdurar por mais tempo no futuro. Ele vivenciou o potencial de mudanças que um movimento social com forte adesão da opinião pública pode gerar. Por algumas semanas a sociedade francesa experimentou os ares de libertação que uma antiga revolução produziu pelas ruas de Paris, com suas barricadas e destruição de símbolos que marcavam a opressão do povo. Porém, ambas são muito diferentes quanto aos métodos empregados. A Revolução por liberdade, igualdade e fraternidade foi travada com fuzis, baionetas e muito sangue derramado nas ruas, enquanto a de Maio de 1968 foi mais poética e discursiva, embora pessoas tenham morrido em sua razão.

A teoria crítica de Feenberg se volta contra o agir tecnocrático, para o qual a opinião não técnica pouco ou em quase nada é levada em consideração. Embora hoje a tarefa crítica proposta por Feenberg seja significativamente diferente daquela em sua formulação original.

32

Lembro-me de ter escrito um longo ensaio para Marcuse em 1966 a que chamei de “Para além da unidimensionalidade” no qual tentava mostrar como uma sociedade unidimensional podia produzir uma nova dialética. Embora meu atual trabalho sobre tecnologia seja bem diferente desse esforço inicial, o padrão é similar. Ainda busco uma maneira de identificar e explicar tensões internas num universo tecnológico quase unidimensional. (Feenberg, 2005, p. 2)

Hoje ele se ocupa em identificar as possíveis fontes de instabilidade com potencial de desencadear um processo de transformação da tecnologia. É mais um atento observador do que um promotor de transformação da época de juventude. Nesse tempo, acreditava que a transformação da tecnologia não era uma promessa para um futuro distante. Feenberg afirmava que o caminho para essa transformação seria a participação qualificada do cidadão comum nas deliberações em torno do desenvolvimento tecnológico.

Somente nos anos 1980 a comunicação eletrônica por meio dos computadores explodiu, indo além das corporações às quais estava confinada até então, deslocando-se para os lares. O primeiro avanço ocorreu na França, onde o sistema Minitel atraiu rapidamente milhões de usuários. Em uma década a internet mudou para sempre a imagem do computador. Foram basicamente os não-profissionais (ou profissionais não-associados a *design* e gerência de sistemas) os precursores do uso inesperado das novas tecnologias. E foram bem-

sucedidos porque pessoas comuns queriam computadores para servir a seus objetivos e não somente por suas funções oficiais criadas por especialistas. No processo, refutaram largamente suposições determinísticas sobre as implicações fundamentais do computador e revelaram seu potencial comunicativo. (Neder, 2013, p. 160)

Se pensarmos de forma mais ampla, podemos considerar esse tipo de participação como um modo de agir que pode ser aplicado a outros âmbitos de deliberação coletiva dos homens. A chamada "*cidadania técnica*" representa a possibilidade de desenvolvimento de objetos tecnológicos que levem em consideração valores e significados além dos estritamente técnicos a partir da maior participação de não técnicos no *design* tecnológico. A sociedade não pode ficar alheia aos resultados e objetivos visados pelos diferentes projetos tecnológicos, ela deve se aprofundar no conhecimento desses projetos a ponto de poder participar da sua formatação com igual poder de voz que os técnicos nele envolvidos.

O caso do sistema Minitel é um exemplo desse tipo de exercício da cidadania. Mesmo que não tenham participado do *design* da tecnologia de comunicação via rede de computadores, os usuários não corporativos desse tipo de tecnologia acabaram por ter forte influência na adaptação do projeto às suas necessidades, o que implicou numa mudança de concepção da versão original elaborada pelos técnicos. Isso ocorre com os diferentes tipos de tecnologias, os usuários acabam por descobrir e determinar maneiras de uso que jamais haviam sido cogitadas pelos seus projetistas.

As ruas de Paris em maio de 1968 foram uma amostra do potencial de transformação que uma vigorosa mobilização social possui. De alguma forma a participação democrática e o exercício de uma *cidadania técnica* naquele momento, com os *slogans*, discursos e palavras de ordem destacando os elementos de insatisfação produzidos pelos diferentes tipos de tecnologias e indicando rotas de correção dos mesmos, mostraram que era possível romper com as barreiras que protegem e potencializam o risco de uma tecnocracia absoluta e incorrigível.

A transformação via processo democrático exige um tipo diferente de participação cidadã, pois este possui um caráter ativo e determinante para que o objetivo de transformar seja alcançado. Esse tipo de participante favorece o surgimento de um tipo especial de técnico que estabelece diálogo com os usuários acerca do *design* de uma tecnologia, como aconteceu na implantação da rede de comunicação via computadores.

Os agentes de tais transformações das redes são um conjunto interessante, insuficientemente estudado pela sociologia da tecnologia. Foucault chamou-os de "intelectuais específicos" para distingui-los do tipo de intelectual literário que tradicionalmente falava em nome de valores universais (Foucault, 1980: 127-129). Intelectuais específicos constituem uma nova classe de engenheiros heterogêneos cujo trabalho de planejamento amplia as fronteiras reconhecidas das redes, muitas vezes contra a vontade dos gestores,

através do início de *diálogos inovadores* com uma audiência pública (Pacey, 1983: cap. 8). (Feenberg, 1999, p. 123, grifo nosso)

O desenvolvimento emancipatório da tecnologia e sua consequente transformação são vistos como metas que só podem ser alcançadas pelo estabelecimento de um diálogo entre todos os envolvidos pela tecnologia. Esse diálogo sofre obstáculos tradicionais, principalmente interpostos pelos gestores das grandes corporações que objetivam o lucro em detrimento de uma modelação mais condizente com as necessidades propriamente humanas.

O mais contundente desses diálogos foi estabelecido em razão do advento da era atômica, instaurada a partir do instante em passamos a ter um poder destruidor descomunal com o domínio da tecnologia do átomo.

Em alguns casos, os mesmos inovadores que criaram a tecnologia mais tarde denunciariam seus efeitos e subverteriam as estratégias de definição de limites das corporações ou agências que empregam suas invenções. O caso mais famoso foi o da bomba atômica. Foi construída por cientistas com a ideia de que poderia ser empregada como um arma comum na Segunda Guerra Mundial e, de fato, foi bastante empregada durante o breve período em que os EUA eram a única potência nuclear. Os militares queriam manter esta concepção tranquilizadora da bomba. Mas, antecipando a corrida aos armamentos e suas implicações apocalípticas, os inventores da bomba a redefiniram como uma ameaça à sobrevivência dos americanos. Um movimento de cientistas estabeleceu-se como representativo de uma rede planetária mais ampla que abrange não apenas bombas e russos, mas bombas, russos e americanos também. Para influenciar a política, cientistas publicaram revistas e organizaram movimentos de cidadãos comuns preocupados com a guerra nuclear (Smith, 1965). (Feenberg, 1999, p. 123)

34

O movimento de Maio de 1968 foi um momento em que este diálogo foi estabelecido entre os diferentes agentes da sociedade francesa, entre um governo paralisado numa época de profundas mudanças e uma juventude e sociedade com muitas ideias novas na cabeça e vontade de implementá-las. Esses diálogos são difíceis de serem estabelecidos porque os interesses dos seus participantes são bastante diversos. Porém, quando alcançam um acordo mínimo, produzem resultados que vão muito além daqueles que a simples imposição de uma tecnologia chegaria.

O primeiro resultado é ilustrado por um projeto que enviou um barco norueguês construtores na Tanzânia, para ensinar os povos costeiros a fazer barcos de estilo europeu. "Este projeto malfadado terminou com as praias de Mbegani e Bagamoyo espalhadas com barcos enferrujados e não utilizados que os pescadores locais não

conseguiram reparar porque faltava o equipamento e os suprimentos necessários” (Swantz e Tripp, 1996: 53-54).

Por fim, um dos especialistas noruegueses recorreu a construtores de barcos locais qualificados para obter ideias sobre como proceder. Juntos, eles modificaram um *design* tradicional, substituindo o casco esculpido por tábuas e melhorando seu tamanho e estabilidade. Após alguns anos de sucesso, as autoridades conseguiram introduzir sistemas com projetos mais modernos e o *diálogo inovador* inicial foi interrompido, não sem oferecer um exemplo de colaboração frutífera. (Feenberg, 1999, p. 124)

Os eventos de Maio de 1968 constituem uma espécie de experimento de algo que poderá ser mais consistente e duradouro no futuro. A possibilidade de transformação da tecnologia está na disseminação dos *diálogos inovadores*², para o qual são exigidos dois novos atores: o cidadão técnico e o engenheiro heterogêneo. Este último emprega a linguagem de forma mais permeável do que seus pares ortodoxos, levando em consideração o pensamento expressado num vocabulário não técnico.

O diálogo inovador e o *design* participativo prometem uma solução fundamental para o conflito entre leigos e especialistas. Tal solução foi prefigurada nos Eventos de Maio, quando membros de profissões e burocracias apelaram ao povo para trabalhar com eles por uma democratização profunda. (Feenberg, 1999, p. 125)

35

O evento de maio consistiu numa conjunção de fatores que potencializaram um ao outro de forma a produzir um estremecimento em toda a sociedade e, nesse cenário de plena ebulição, as artes exerceram o papel de catalisador dessas diferentes forças, dando maior magnitude aos seus efeitos, motivando, mesmo que por um breve momento, uma geração a acreditar ser possível a luta por uma nova forma de vida em sociedade e cuidado com o meio ambiente.

Esta movimentação está registrada, analisada e comentada em *When Poetry Ruled The Streets*. Nessa obra, Feenberg e Freedman nos apresentam alguns registros das atas das reuniões de deliberação do movimento, *slogans*, palavras de ordem pichadas e grafitadas nos muros e ruas de Paris, das performances do teatro que saía às ruas abordando as contradições de uma sociedade que tinha tudo para reclamar, mas não o fazia. Era uma sociedade ameaçada pela aniquilação atômica, pela morte

² Atualmente podemos ver o estabelecimento desse tipo de diálogo com o desenvolvimento da IA generativa. A cientista cognitiva Abeba Birhane critica e denuncia o desenvolvimento de algoritmos para IA que produzem resultados racistas e misóginos após avaliação de currículo. Por exemplo, empregos mais valorizados como engenheiros de software são recomendados para homens brancos e asiáticos, enquanto empregos relativos a tarefas domésticas são encaminhados para mulheres negras e latinas. Além disso, a tecnologia de IA serve mais aos interesses corporativos, como alta lucratividade, do que aos dos seus usuários. <https://www.uol.com.br/tilt/colunas/helton-simoes-gomes/2024/11/07/industria-da-ai-ficou-rica-com-algo-que-ninguem-pediu-diz-estrela-da-ia.htm>

tóxica dos venenos usados na agricultura, pelo desemprego e fome com a substituição do trabalho humano pelas máquinas cada vez mais capazes, por um sistema de ensino que não valorizava a criatividade e o pouco apreço pela autoridade dos mestres absolutos.

O livro inicia com uma breve síntese do movimento, expondo o grau de estranheza, choque e surpresa produzidos em quem o registrou.

O que foi mais surpreendente no movimento revolucionário que varreu uma França aparentemente plácida e confortável em maio de 1968 foi sua rapidez e curta duração. Tudo começou na Universidade de Nanterre, onde um pequeno grupo de vinte e cinco cresceu para mais de mil no período de um mês, suficiente para interromper o funcionamento normal da universidade. Uma semana após o fechamento de Nanterre, o grupo de radicais aumentou para cinquenta mil e, em mais dez dias, dez milhões. No mês seguinte, como um cometa, ele havia desaparecido; exceto alguns aumentos de salário, pequenas mudanças no gabinete de De Gaulle e manchas sujas das pichações nas paredes da Sorbonne, quase não havia vestígios visíveis da sua passagem. (Feenberg & Freedman, *When Poetry Ruled The Streets*, 2001, p. 3)

36

É bastante melancólico o desfecho dessa descrição, descrevendo o movimento como algo de caráter fugaz e efêmero, deixando um legado de esquecimento maior do que aquele praticamente alcançado. Talvez as manchas das pichações sejam, exatamente, as marcas mais profundas deixadas por maio de 1968. E a brevidade do movimento tem muito a ver com aquilo que o mesmo pretendia mostrar, isto é, devemos estar preparados para um estado de mudança constante das coisas relativas àquilo que está na esfera do decidível por nós. E, nessa esfera, o impossível é algo que não merece ser desprezado. Num contexto em que a lógica é difusa e complexa, as artes encontram as condições ideais para o seu livre desenvolvimento. Num contexto em que certezas, até então firmemente estabelecidas, são profundamente abaladas e falseadas e, a tomada de consciência das consequências de nossas deliberações nos encham de angústia e medo, as artes constituem um recurso importante na busca por saídas, pois ela é uma forma de questionar rigoroso que não se compromete com algo que não seja a liberdade crítica. Tanto que não deixou de ser crítica consigo mesma.

Não era sem razão que o *slogan* mais conhecido do movimento foi “É proibido proibir!”. Uma construção paradoxal, a natureza da ação é negada por ela mesma. Podemos dividir o significado da expressão em dois aspectos: um relativo a ela mesma e outro relativo a outras expressões. No âmbito relativo a ela mesma não deveríamos leva-la em consideração, porque está proibindo algo e com isso contradiz a si mesma. No âmbito relativo a outras expressões ela sugere que todas são possíveis e possuem um mesmo grau de consideração. Com isso, o absurdo é abolido e passa a ter maior importância e relevância na esfera daquilo sobre o qual podemos decidir.

Por ser um paradoxo, não se sabe exatamente o que se está querendo dizer com o que foi dito, o *slogan* do movimento nos leva a refletir sobre questões bastante instigantes acerca das consequências de algumas de suas significações. Por exemplo, para alguns seres humanos é um absurdo construir uma arma com a capacidade de destruir tudo só para te-la como pretexto para o seu não emprego. Num ambiente em que o absurdo não é descartado das nossas possibilidades de deliberação somos levados aos limites da nossa capacidade de julgamento. Somos desafiados a encontrar justificativas com relevância suficiente para orientar nossa tomada de decisão.

Feenberg & Freedman tiveram sensibilidade para perceber que num ambiente de completa desorientação somente as artes poderiam fornecer os rumos a seguir, mesmo que não fosse nenhum deles. Talvez a falência do movimento tenha sido em razão do desgaste que a reflexão em torno do mesmo produziu sobre a sociedade. Ao leva-la aos limites de uso das ferramentas intelectuais e culturais disponíveis, lhe requereu uma grande e intensa quantidade de energia, que rapidamente a exauriu e consumiu.

O olhar dos autores sobre o movimento possui um viés artístico que podemos perceber nas palavras iniciais do livro ao constatar, com certo ar de estupefação, o caráter pouco revolucionário do ambiente acadêmico em Nanterre.

A descrição do lugar, quando comparado com o ambiente universitário de Paris, em que a vida cultural, artística, boêmia estimulava a interação entre os estudantes com a cidade para além da universidade, sugere a ideia de que dificilmente se esperaria de um lugar assim o acontecimento do momento zero de um movimento tão revolucionário e contagiante. A descrição da arquitetura dos prédios da cidade e do *campus* universitário é bastante crítica já nas primeiras impressões. O *campus* se integrava ao conjunto de prédios industriais. Os autores dão a entender que tal característica não seria a mais adequada para um lugar em que o conhecimento é abrigado, por representar um tipo especial de linha de produção em massa. Se Paris é descrita como “a cidade luz”, Nanterre não poderia ser outra que não “a cidade lúgubre”, em que o gosto pela vida era sublimado com o empenho nas atividades acadêmicas.

Sua descrição da cidade se constitui como uma apreciação estética da mesma, estabelecendo uma relação entre as suas características arquitetônicas e o modo de ser dos seus habitantes. Para reforçar essa abordagem artística, o próprio surgimento de um movimento tão impactante num lugar sem agitação parece ser a construção da mente de um romancista.

Tais elementos descritivos servem de evidências da importância que as artes tiveram enquanto o movimento durou. Elas foram o meio que acolheu uma série de questionamentos levantados pelos participantes da mobilização. Mais do que isso, as próprias artes produziram uma auto-crítica quanto às suas relações com os poderes instituídos e os fins do fazer artístico.

3 AS ARTES E O PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO DA TECNOLOGIA

As artes exerceram funções e papéis distintos no tempo em que o movimento de maio de 1968 aconteceu: levaram o público a considerar que algumas demandas consideradas impossíveis não deviam ser evitadas por envergonharem a inteligência; o impacto gerado principalmente pelos *slogans* e palavras de ordem resultaram na compreensão das reivindicações e consequente engajamento da opinião pública; inovando a comunicação com novas formas de diálogo e divulgação de informações.

As palavras de ordem, que pareciam indicar um certo *non-sense* das reivindicações feitas pelos participantes do movimento, não podem ser interpretadas inadequadamente como se fossem a abolição da sensatez e uma opção pelo absurdo. Na nossa opinião, a imaginação era o limite porque as demandas, por mais necessárias e justificáveis que fossem, eram consideradas uma espécie de sonho que dificilmente se realizariam sem uma forma contundente de reivindicação diante de uma classe patronal e de governantes que se mostravam indiferentes a elas. É uma compreensão equivocada interpretar o movimento como a expressão da falta de bom senso de seus participantes. É mais aceitável a compreensão de que o movimento mostrava a própria falta de sensatez dos fundamentos nos quais a sociedade da época se alicerçava.

O jogo retórico-semântico, travado entre os participantes do movimento e os defensores da ordem vigente, foi evidenciado e adquiriu outras proporções quando as diferentes manifestações de arte passaram a dar as cores da imagem que se formava, com a poesia definindo com novos matizes e significações a paisagem das ruas.

Primeiramente o movimento foi a resposta que os estudantes da Universidade de Nanterre deram à proposta de mudança do ensino universitário que descaracterizava o modelo francês em sua essência. Tal mudança era a adaptação a um modelo de ensino que atendia às demandas de uma nova realidade imposta pelo país que havia saído vencedor da Segunda Guerra Mundial. Uma adaptação voltada para um modelo econômico e social em que a tecnologia ocupava cada vez mais espaço.

De certa forma, o que estava sendo questionado era algo também relativo à própria tecnologia. Uma nova tecnologia social e econômica se impunha de maneira hegemônica e destruía alguns dos alicerces mais caros à cultura francesa. Conforme Feenberg & Freedman descrevem, a reforma universitária proposta por Fouchet era

... uma americanização tímida do sistema francês – um pouco mais de competição, um pouco menos de tempo de lazer para explorar o que estava além dos mistérios pedagógicos. Geralmente, as reformas foram uma usurpação do espírito livre em prol da eficiência. Por exemplo: sessões de discussão em laboratório, ministradas em conjunto com grandes cursos expositivos, até então opcionais, passaram a ser obrigatórias; os alunos tinham que escolher a especialidade no primeiro ano do ensino superior e, caso reprovassem um ano, recebiam apenas um único ano a mais para

compensar antes de ser descartado. (Feenberg & Freedman, 2001, p. 5)

Tal proposta de mudança do sistema universitário francês, que fazia parte de um pacote de “modernização” do estado e sociedade franceses, teve como consequência a rebelião dos estudantes que se organizaram para enfrentar a implantação do mesmo. O estado francês, governado pelo herói no combate ao nazismo durante a Segunda Guerra Mundial Charles De Gaulle, deu uma resposta violenta ao movimento colocando a polícia dentro da universidade, até então um lugar seguro contra o uso da força e da violência, inimigas do livre pensar.

O primeiro aspecto da importância das artes para o movimento de maio de 1968 é de natureza conceitual. O conceito de “arte” é empregado para transpor a falsa assimetria de que as leis científicas e técnicas são revestidas de um caráter especial em relação às demais, o que nos obrigaria a nos submetermos a elas.

TESE 23: Rejeitemos também a divisão entre ciência e ideologia, a divisão mais perniciosa de todas porque nós mesmos a tornamos secreta. Nós não queremos mais ser governados passivamente por “leis científicas”, pelas leis da economia ou por “imperativos” técnicos. A ciência é uma “arte”, cuja originalidade é ter possibilidades de aplicações fora de si. *No entanto, ela é somente normativa para si mesma.* Nós devemos rejeitar o seu imperialismo mistificador, que desculpa todos os abusos e regressões, mesmo dentro da própria ciência. Vamos substituí-lo por uma escolha real entre as possibilidades que oferece. (Feenberg & Freedman, 2001, p. 85, grifo nosso)

39

A comparação da ciência e a arte faz parte do discurso reconhecido como o mais famoso do movimento, o intitulado “Perdão aos cegos”. Nele é afirmado o caráter artístico da ciência, tal afirmação inclui o fazer científico como mais um dentre os variados modos da produção humana sem nos obrigar a seguir suas próprias leis e normas.

A presença das artes no movimento representa mais do que algo de natureza meramente acessória. A relevância das artes não se deve a um suposto caráter ornamental que estas poderiam lhe emprestar. É a partir de uma concepção artística do desenvolvimento tecnológico que a quimera da submissão absoluta do homem à tecnologia encontra uma saída para um fim certo e necessário.

O próprio discurso é uma peça artística, pois se trata de uma manifestação retórico-literária, com formato de texto de convocação ao mesmo tempo que normativo e regulamentar, além disso, serve de programa a ser seguido e de relato da breve história do movimento. Seu encerramento convoca a todos para o engajamento na luta, com a certeza de que o sucesso da mesma seria alcançado à medida em que os leitores se tornassem também os seus autores, com sugestões, críticas e correções. Essa forma de proceder caracterizou o movimento, por buscar a descentralização e a participação coletiva nas decisões e ações.

LEIA E RELEIA ESTA CHAMADA. DE NOVO E DE NOVO.
TORNE-SE SEU AUTOR - corrija - copie novamente
DISTRIBUA EM MILHÕES DE CÓPIAS
POSTE E QUANDO TODOS FORMOS SEUS AUTORES, o velho
mundo desmoronará para dar lugar a
UNIÃO DOS TRABALHADORES DE TODAS AS NAÇÕES.
“Estamos a caminho”. (Feenberg & Freedman, 2001, p. 86)

Propor a união dos trabalhadores de todas as nações é algo que se coloca, para uma grande parcela dos seres humanos, dentro do espectro utópico. Não parece ser realizável, a não ser como sonho. Para nós, que vivemos no século XXI, um movimento que propusesse algo nesse sentido enfrentaria muitas resistências para sua aceitação, basta vermos as pautas a respeito do clima e as mudanças para melhores condições de vida e lazer dos trabalhadores. Essa característica do movimento, com contornos pouco pragmáticos, foi fortemente determinada pela influência das artes. O impossível e o imaginário artísticos nos levam a pensar que é possível alcançar o que não parece fazer sentido. Essa atitude das artes as tornam capazes de romper com os códigos e cânones bem estabelecidos. Não parecia fazer sentido, para boa parte dos franceses em 1968, se opor ao grande vencedor da guerra que havia acabado há pouco mais de vinte anos. Esse vencedor expulsou o agressor nazista do território da França, financiava sua reconstrução no pós-guerra e dava garantias da sua segurança. Como se opor a quem representa tantas coisas positivas? O movimento teve início com a revolta estudantil que descaracterizava sua formação acadêmica em detrimento da adoção do modelo imposto pelo vencedor benemérito.

40

A ironia que os autores de *When Poetry Ruled The Streets* destacam é o fato de o movimento ter iniciado na instituição universitária francesa que mais se aproximava do modelo de funcionamento das universidades americanas, Nanterre.

Em primeiro lugar, havia o próprio fenômeno Nanterre, o aspecto de sua natureza física. Dez milhas a oeste de Paris, onde as cores pastel assumem um aspecto industrial marrom, as ruas de paralelepípedos e a delicada arquitetura da cidade são substituídos pela indústria urbana e projetos habitacionais sombrios. Colado nesta paisagem, no local de um antigo acampamento militar cercado por um muro alto de pedra cinzenta está um complexo de edifícios, a Universidade de Nanterre, praticamente indistinguível das suas congêneres fábricas de cimento e aço.

Nanterre estava muito longe da Sorbonne, onde a vida dos estudantes eram inquestionavelmente suas, onde frequentavam cafés e amigos desimpedidos em todos os aspectos. Em Nanterre, sem mais nada para fazer, os alunos eram obrigados a permanecer e assistir às aulas, o que significava que eles eram praticamente os únicos residentes permanentes; professores vinham raramente e apenas para cursos, ironicamente porque tinham pouco a fazer com a vida nada

atraente de Nanterre e seus estudantes enclausurados. (Feenberg & Freedman, 2001, p. 4)

Tal paradoxo histórico estabelece uma forte conexão com as características artísticas do movimento. Talvez essa seja uma evidência fática de que o que parecia ser impossível poderia ser tornar realidade.

Entretanto, as maiores evidências dessas características artísticas se manifestam nos *slogans* e palavras-de-ordem do movimento que nos permitem obter uma percepção e compreensão claras dos seus objetivos.

O que estava “latente” na sociedade francesa do pós-guerra passou a ser literalmente “manifesto” nos protestos. A insatisfação com uma lógica de guerra que se mantinha mesmo após o fim do conflito em 1945, a inconformidade com as condições de trabalho, as mudanças de comportamento que as novas gerações exigiam, a submissão sem ressalvas ao capitalismo, são algumas das condições iniciais da revolta popular que uniu estudantes e trabalhadores.

No “Perdão aos Cegos” os manifestantes expressam os motivos e justificativas da sua revolta. Eles não aceitavam mais o que lhes fora imposto como valores a serem observados, incentivavam aos demais de que acreditar que aquilo a que as pessoas são submetidas pode mudar radicalmente simplesmente tendo por fundamento seu desejo de libertação e autodeterminação.

41

Recusemos categoricamente a ideologia do LUCRO E DO PROGRESSO ou outras pseudo-forças do mesmo tipo. O progresso será o que queremos que seja. Vamos recusar a armadilha do luxo e da necessidade – as necessidades estereotipadas impostas separadamente a todos, para fazer com que cada um trabalhe em nome das “leis naturais” da economia.

TRABALHADORES de todos os tipos, não nos deixemos enganar. Não confunda a DIVISÃO TÉCNICA do trabalho com a HIERARQUIA da autoridade e poder. A primeira é necessária, a segunda é supérflua e deve ser substituída por uma troca igualitária de nosso trabalho e serviços dentro de uma sociedade livre. (Feenberg & Freedman, 2001, p. 77)

A retórica do discurso se constitui de frases impactantes que se articulam para a propositura de uma mobilização contra a imposição de uma compreensão de mundo que produz efeitos negativos sobre as vidas das pessoas e sociedade. A crítica parte de um pressuposto filosófico, social, científico e econômico de matriz marxista. Nessa parte do discurso, o objetivo é alcançar a quebra de uma hierarquia que se fundamenta numa compreensão e aplicação equivocada desse conceito. O argumento critica a aplicação do conceito de hierarquia social, que serve para justificar um modelo econômico que visa o lucro e, uma visão da história como progresso voltado à manutenção e desenvolvimento das necessidades inerentes a esse modelo

hierárquico. O erro consiste no deslocamento de uso do significado do conceito de “divisão técnica do trabalho” com o de hierarquia social e política.

Em “Perdão aos Cegos” não são apresentados dados estatísticos, tabelas de planilhas e exposição de modelos matemáticos para convencer os seus leitores a aderirem à causa. Ele não se volta contra dados, mas contra uma compreensão de mundo que pode ser entendida de um outro modo e, conseqüentemente, alterada. Ele mostra os usos equivocados da linguagem que mascaram a armadilha que impõe às pessoas uma submissão tácita do que vai contra os seus desejos e interesses.

Em suma, os estudantes encontraram-se na vanguarda de uma contradição que atravessa todas as sociedades modernas, a contradição entre o enorme conhecimento e riqueza destas sociedades e a criatividade que exigem de seus membros, e o uso medíocre para onde esse conhecimento, riqueza e criatividade são colocados. (Feenberg & Freedman, 2001, p. 77)

Isso explica o formato retórico do discurso. Um discurso em formato técnico não possui o mesmo poder de persuasão do estilo retórico. Ele é mais adequado para mostrar algo que é difícil de se ver e compreender. Por isso a forma discursiva adequada não poderia ser a técnica, pois esta não alcança o mesmo nível de convencimento que a forma retórica.

42

A forma de expressão dos objetivos e argumentos empregados pelos participantes do movimento não foi a única colaboração das artes. Elas potencializaram o movimento através de uma autocrítica que mostrava a sua importância para a transformação social almejada. A invasão do Teatro Odeon foi um ato simbólico de grande repercussão na opinião pública, pois essa instituição francesa representava e representa ainda, uma espécie de demarcação entre uma pequena parte da sociedade que vive em condições econômicas e sociais invejáveis enquanto a maioria sobrevive. O novo significado dado às artes pelos revolucionários, seus objetivos e fins, é um exemplo do que pode ser alcançado com a própria tecnologia se a sociedade civil atingir o mesmo nível de engajamento obtido em maio de 1968.

Na noite de 15 de maio, mil estudantes entraram nos salões sagrados do Teatro Odeon, monumento simbólico da cultura francesa. Escalando as cadeiras de feltro vermelho e o palco, conquistaram o famoso teatro francês e declararam: “Ex-ODEON, a serviço do povo”. (Feenberg & Freedman, 2001, p. 40)

Não foi o parlamento ou uma instituição militar que foram invadidos primeiramente, foi uma instituição de cultura e arte. As artes emprestaram seus espaços e esforços para mostrar o nível de mudanças que era almejado. A repercussão foi muito maior do que se um outro tipo de equipamento civilizatório tivesse sido ocupado. O poder transformador das artes serviu de catalizador para o movimento, empregando pujança e capacidade catártica às suas ações.

A meta a ser alcançada nos diferentes campos de enfrentamento era a de se fazer ouvir. A opressão da sociedade unidimensional se efetiva pelo silenciamento daqueles que sofrem com o seu modo de funcionamento. O movimento de maio de 1968 foi um momento em que segmentos da sociedade até então não considerados com a devida relevância passaram a exercer um protagonismo conquistado, não mais dependendo de uma autorização do segmento estabelecido no poder.

Algumas das muitas frases de efeito se referem de modo crítico às próprias artes. Elas serviam de parâmetro para o nível de mudança exigido. “A ARTE ESTÁ MORTA, NÃO CONSUMAMOS SEU CADÁVER”. Não bastava aos revolucionários derrubar os velhos monumentos e construir novos sobre os alicerces dos antigos, como fizeram os colonizadores nas américas. A possibilidade de um novo modo de fazer arte não fazia concessões sobre os antigos, pois estes não expressam os anseios genuínos da sociedade moderna que cada vez mais toma consciência de sua condição de subjugação e uso.

O papel e importância das artes no movimento é único nas revoltas populares. As ruas de Paris serviram de meio para exibir os *displays* com mensagens moldadas para se fazerem ler e compreender, transformando seus muros, fachadas e pisos.

Foi o uso poético da linguagem que projetou mundo afora o movimento, não é à toa que muitas das frases de efeito empregadas pelos revolucionários e reformistas tornaram-se a vocalização de um grande número de movimentos com características e inspirações semelhantes em outros lugares. Dentre elas gostaria de destacar duas em razão de sua relação com a realização artística.

“TRANSFORMEM SEUS DESEJOS EM REALIDADE”.

O tensionamento entre a realidade vivida por estudantes e trabalhadores e o desejo por uma vida em que houvesse mais tempo para sua celebração se apresenta como uma fonte de energia importante para a dinâmica do movimento. A noção de realidade não tem a ver com as condições materiais que delimitam o cotidiano das pessoas. Do ponto de vista dos participantes do movimento o “real” possui uma noção distinta da ortodoxia do termo, ele não significa uma conjunção de fatores objetivos que determinam nossa existência, o real é algo que só faz sentido quando essa base material é deslocada como fator determinante das realizações do homem, e passa a se fundamentar nos desejos e sonhos dos homens. De acordo com esses, a realidade vivida necessitava ser completamente mudada, em razão da sua distância dessas aspirações humanas. Essa capacidade de ruptura e significação da linguagem é própria das artes, a compreensão de que o “real” deveria ser completamente alterado não faria sentido algum se fosse restrito a uma mera mudança cosmética das condições materiais do viver humano, a própria noção de realidade é alterada.

Essa reflexão, de caráter retroativo, é o movimento de pensamento que torna possível à arte criticar a si própria. Tal pode servir de modelo para que a própria tecnologia reveja seu significado e atuação, sem essa performance crítica não há saída para o problema da tecnologia.

“A AÇÃO NÃO DEVE SER UMA REAÇÃO, MAS UMA CRIAÇÃO”.

Mais uma vez o uso poético da linguagem produz um efeito performativo no leitor, nos induzindo a refletir sobre o significado da expressão. Ela rompe com a compreensão comum, advinda da física clássica sobre as interações da matéria. Um novo mundo exige novos fundamentos e bases. Não pode se apoiar naquilo que sabemos não ser capaz de cumprir a função de alicerce.

Esse tipo de ruptura é característico das artes que, ao mesmo tempo que reconhece, não têm apreço por cânones, modelos e uniformização da expressividade humana. Diferente do conceito de reação, que possui um caráter passivo, a criação possui um empuxo próprio, não dependendo de nada além de sua própria força para se realizar enquanto tal. Uma nova sociedade, uma nova vida do homem exige esse tipo de rompimento com o passado, pois a forma como vivemos está diretamente ligada com a profundidade e alcance de nossos sonhos.

A arte nos mostra que é possível esse tipo de ruptura na forma como compreendemos e assimilamos a tecnologia. A transformação da tecnologia atual é de suma relevância para a própria sobrevivência humana, fazê-la com que se volte para os fins da emancipação do homem não é algo que esteja para além de nossa capacidade de ingerência, basta agirmos com o mesmo grau de autocrítica e liberdade dos artistas.

Feenberg não chega ao ponto de pretender atingir os limites e alcances da ação e crítica artísticas, mas as toma como modelo para superar a compreensão de que os limites interpostos pela tecnologia são incontornáveis. O poder das artes está em nos mostrar como é possível a realização de uma tal transformação. Não devemos compreender que os limites do determinismo tecnológico são intransponíveis, que o desenvolvimento tecnológico é necessariamente insensível às demandas humanas de outra natureza. As artes são importantes como exemplo da capacidade de ruptura do homem com princípios e hábitos, até então, bem estabelecidos.

44

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não procuramos desenvolver aqui em que consiste o pensamento crítico de Feenberg a respeito da tecnologia, mas o que nos sugere tal reflexão. Ele suscita um pouco de esperança num mundo em que parecia estarmos condenados a um fim cruel e degradante. Desde que a incorporação da tecnologia no cotidiano implicou em mais segurança e conforto do homem, em troca de controle e submissão, o cálculo da felicidade pendeu mais para um dos lados da equação; o da tecnologia.

Para quem viveu a Guerra Fria, algo que voltamos a experimentar no século XXI, o medo da destruição atômica e a consciência das consequências que a aplicação de uma tecnologia gera, produz um sacudir pelos ombros na humanidade.

Criar um ambiente em que seja possível reverter a direção de um movimento tido como inexorável é um desafio que Feenberg enfrenta com ímpeto e disposição. O Feenberg da juventude, diferente do da idade madura, acreditava na organização política e social como caminhos para se alcançar mudanças significativas num mundo que está longe de ser aquilo que poderia e gostaríamos que fosse. A saída que

nos indica é a da via democrática realizada num ambiente em que o diálogo de alto nível seja o escopo da deliberação.

Ao propor a tese de que a tecnologia não é neutra, porque sofre a influência de fatores não tecnológicos, estabeleceu um fundamento sólido para sustentar a ideia de transformação da tecnologia. O que poderá nos livrar de uma tecnocracia absoluta é a perspectiva inclusiva que a transformação democrático-participativa traz. A tecnologia atual somente será educada para priorizar as demandas humanas na medida em que formos capazes de alcançar uma maior participação de agentes humanos no seu desenvolvimento.

As artes carregam valores que influenciam sobremaneira não só o ambiente social como também a própria tecnologia. Talvez esse seja o maior desafio a ser superado na busca pela transformação do modo como fazemos tecnologia, a resistência em se ver as artes como um âmbito do agir humano na transformação de algo até então considerado invulnerável a elas.

A participação das artes no movimento de maio de 1968 é singular porque nele elas não só ocuparam a função de registro dos acontecimentos, elas tiveram um protagonismo único na participação e interação com movimentos sociais e políticos, pois passaram a não só expressar, mas também a orientar o movimento em seus objetivos e métodos.

As artes são, talvez, a maior fonte de origem de mudanças na esfera das ações humanas, pois o impossível e o imaginário artísticos nos levam a pensar que a possibilidade de se alcançar aquilo que parece não fazer sentido é algo realizável. A teoria crítica de Feenberg possui uma forte característica da influência que as artes exerceram sobre ela, muito embora ele a tenha elaborado empregando um processo tipicamente norte-americano, qual seja, a pasteurização de algo que se encontrava em estado original.

45

REFERÊNCIAS

- FEENBERG, Andrew. Teoria Crítica da Tecnologia. **Lua Nova**: Revista de Cultura e Política, São Paulo, n. 65, p. 19-44, 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/262603833_Teoria_Critica_da_Tecnologia.
- _____. *Questioning Technology*. New York: Routledge, 1999.
- _____. *Transforming Technology: A Critical Theory Revisited*. New York: Oxford University Press, 2002.
- FEENBERG, A.; FREEDMAN, J. *When Poetry Ruled The Streets: The French May Events Of 1968*. Albany: State University of New York Press, 2001.
- NEDER, R. (Org.). *A Teoria Crítica de Andrew Feenberg: racionalização democrática, poder e tecnologia*. 2. ed. Brasília: UnB, 2013.
- TEASDALE, A. *The Fouchet Plan: De Gaulle's Intergovernmental Design for Europe*. [S. l.]: LSE, 2016. Disponível em: <https://www.lse.ac.uk/european-institute/Assets/Documents/LEQS-Discussion-Papers/LEQSPaper117.pdf>.

Submetido: 23 de abril de 2025

Aceito: 09 de maio de 2025